

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 10 – Informação e Memória

ENTRE TRAMAS E MEMÓRIAS: HISTÓRIAS DE VIDA, SABERES E IDENTIDADE NA PRODUÇÃO DE REDES EM SÃO BENTO/PB

BETWEEN WEAVINGS AND MEMORIES: LIFE STORIES, KNOWLEDGE AND IDENTITY IN THE HAMMOCK PRODUCTION OF SÃO BENTO, BRAZIL

Jefferson Fernandes Dantas - Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

Carla Ramos – Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)

Bernardina Maria Juvenal de Oliveira – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo apresenta um recorte das histórias de vida, dos saberes e das práticas que envolvem a produção das redes de dormir na cidade de São Bento, no sertão da Paraíba. A partir de uma abordagem etnográfica e do uso da história oral, busca-se compreender como o fazer da rede de dormir ultrapassa sua função econômica, assumindo papel central na construção da memória, da identidade e dos vínculos comunitários. A pesquisa evidencia que os processos de transmissão de saberes ocorrem, majoritariamente, no ambiente doméstico, de forma intergeracional, onde trabalho, afeto e cultura se entrelaçam. Os resultados revelam que, mais do que um produto, a rede é um patrimônio cultural vivo, que conecta gerações e reafirma um modo de vida coletivo. Também se discute como as memórias individuais, acionadas pelas narrativas, constituem e fortalecem a memória coletiva da comunidade.

Palavras-chave: memória coletiva; história oral; identidade cultural; produção de redes; São Bento/PB.

Abstract: This article investigates the life stories, knowledge, and practices surrounding the production of hammocks in the city of São Bento, located in the hinterland of Paraíba, Brazil. Based on an ethnographic approach and the use of oral history, it analyzes how hammock making transcends its economic function, playing a central role in the construction of memory, identity, and community bonds. The research shows that the processes of knowledge transmission occur mainly in domestic spaces, through intergenerational learning, where work, affection, and culture intertwine. The findings reveal that, more than a product, the hammock is a living cultural heritage that connects generations and reaffirms a collective way of life. The article also discusses how individual memories, activated through narratives, constitute and strengthen the community's collective memory.

Keywords: collective memory; oral history; cultural identity; hammock production; São Bento - Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A produção de redes de dormir em São Bento, no sertão da Paraíba, envolve múltiplos sujeitos e saberes, que, por vezes, permanecem invisibilizados nas análises econômicas e

industriais. Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa desenvolvida durante o período da pandemia de Covid-19, com o objetivo de valorizar as vozes das redeiras que, por meio de suas trajetórias de vida, revelam a complexidade social, afetiva e cultural da prática produtiva. A escuta atenta das narrativas permitiu compreender que o trabalho com redes é também expressão de identidade, herança familiar e resistência cotidiana.

Ao percorrer as ruas da cidade, os sons dos teares, das máquinas de costura e os gritos ritmados dos vendedores — “Ó A REDE!” — compõem a paisagem sonora cotidiana de São Bento, na Paraíba. Para quem não conhece a cidade, esse cenário poderia se assemelhar a uma experiência de campo etnográfico. Para o pesquisador que desenvolveu este trabalho, no entanto, trata-se de uma memória de infância. Nascido em São Bento, cresceu em meio ao universo da produção de redes de dormir, acompanhando desde muito cedo as práticas familiares: sua mãe, tias e avó sempre estiveram diretamente envolvidas na fabricação das redes, dominando os segredos dos pontos, dos nós e das tramas. A rede de dormir, portanto, nunca foi apenas um objeto funcional, mas parte integrante da vida, da cultura e das relações familiares.

São Bento/PB é uma cidade com aproximadamente 34 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2024, localizada a cerca de 400 quilômetros da capital, João Pessoa. Conhecida como a “capital mundial das redes de dormir”, a cidade respira trabalho, cor, ritmo e tradição. A produção das redes é não apenas o motor da economia local, mas também o elo que costura as relações sociais, familiares e culturais. Estima-se que cerca de 80% da população esteja envolvida, direta ou indiretamente, com essa atividade, compondo uma rede de saberes, fazeres e afetos que atravessa gerações.

A decisão de transformar esse universo em objeto de estudo surgiu do desejo do pesquisador em olhar com mais profundidade para aquilo que sempre esteve presente em sua trajetória. Ao retornar à cidade, agora no papel de pesquisador, reencontrou sons, gestos e cheiros que fizeram parte da sua infância, mas também percebeu a riqueza simbólica e cultural que se expressa na confecção de cada rede de dormir. Por meio da etnografia e da história oral, o estudo buscou escutar as vozes daquelas que fazem da produção das redes um modo de vida, especialmente de redeiras que, com suas mãos, mantêm viva uma tradição que atravessa gerações.

De acordo com Carneiro (2006) e Silva (2010), a produção de redes em São Bento remonta ao século XIX, consolidando-se como um meio de sustento e construção de

identidade local. A jornalista Juliana Miranda Medeira em 2019 observou que essa atividade era uma das principais responsáveis pelo baixo índice de desemprego no município. Além das famílias que se dedicam à produção, o ciclo se amplia com os corretores de redes, responsáveis por levar o produto para diversas regiões do Brasil e até para o exterior.

O ciclo produtivo e comercial das redes, conforme destacam Câmara Cascudo (2003) e Carneiro e Sá (2007), extrapola os limites territoriais da cidade, tornando São Bento referência nacional e internacional no setor. Contudo, o foco desta pesquisa está voltado aos sujeitos que vivem esse ciclo diariamente — às suas práticas, aos saberes transmitidos entre gerações e às memórias que são constantemente atualizadas, mesmo frente às transformações tecnológicas.

Este artigo, portanto, apresenta um recorte que busca compreender não apenas uma prática produtiva, mas um modo de vida profundamente enraizado na história, na memória e na identidade coletiva de São Bento/PB. Registrar essas experiências é, além de um exercício acadêmico, uma contribuição para o fortalecimento e valorização dos saberes e fazeres que tecem, há gerações, os fios da história dessa mesma comunidade.

2 COM ELAS: FIOS QUE TECEM VIDAS

Ao longo deste trabalho, parte-se do entendimento de que não se trata de uma pesquisa sobre as pessoas que fazem redes, mas sim com elas. Esse princípio metodológico, alinhado ao que propõe James Clifford (2002), permite construir um texto polifônico, capaz de apresentar a multiplicidade de vozes, trajetórias e experiências que tecem — literalmente — a história da produção e da comercialização das redes de dormir em São Bento/PB.

A escrita aqui apresentada dialoga diretamente com as narrativas das interlocutoras, costurando suas memórias, falas e vivências às reflexões teóricas que embasam este trabalho. Para isso, foi adotada uma organização estética no texto: as falas das participantes estão destacadas em itálico e, quando extensas, aparecem em bloco destacado, com recuo, como forma de evidenciar suas vozes frente às citações acadêmicas. Essa escolha dialoga com práticas metodológicas adotadas por Pinheiro (2021), Novo (2021), Paiva (2020) e Ramalho (2012), que também priorizam o cuidado com a distinção entre os diferentes registros discursivos.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

O recorte de pesquisa aqui apresentado é parte de uma dissertação de mestrado que teve como finalidade investigar as relações entre sociabilidade, identidade e transmissão de saberes a partir do fazer a rede de dormir em São Bento/PB. O estudo em tela adotou uma perspectiva qualitativa, fazendo uso da etnografia e da história oral.

As falas das interlocutoras aqui apresentadas são frutos de uma amostragem dentro do cenário em que muitas pessoas na cidade de São Bento/PB atuam no processo de fabricação da rede de dormir. Devido ao cenário da pandemia do Covid-19, os primeiros contatos com as interlocutoras foram realizados pela ferramenta de troca de mensagens *WhatsApp*, elas foram indicadas por uma redeira local e após a disponibilização da vacinação e a diminuição das restrições sanitárias a pesquisa pode ser realizada de forma presencial.

Transitando entre 35 e 66 anos, apresentamos aqui relatos de algumas mulheres que trabalham diretamente em uma ou mais etapas do processo de produção da rede de dormir, como costura, bordado, varanda e mamucada. Muitas delas equilibram a produção da rede de dormir com atividades domésticas e que geram outra renda.

Seguindo um modelo semi estruturado, mas não rígido, as entrevistas buscavam gerar um ambiente amigável que permitisse que as interlocutoras pudessem se expressar livremente e buscando iniciar um diálogo. As primeiras perguntas eram sobre o dia a dia (O que você está fazendo agora?) e depois passavam para questões sobre a experiência na profissão ("Há quanto tempo você faz redes?", "Como você aprendeu?", "O que significa para você fazer redes?"). Essa abordagem incentivou a espontaneidade das histórias e os sentimentos além do aspecto técnico do trabalho.

A pesquisa não foi enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa o que não impediu que os princípios éticos fossem respeitados, no início das conversas as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, deram permissão para gravar as entrevistas e concordaram com o uso de suas falas, garantindo o respeito às suas histórias.

Os relatos compartilhados revelam que a rede de dormir sempre esteve presente no cotidiano das famílias de São Bento/PB. É um elemento que atravessa gerações, que habita as memórias de infância, o convívio familiar, as relações de trabalho e as dinâmicas comunitárias. Filhos/as netos/as e sobrinhos/as de mulheres e homens que sempre atuaram na fabricação de redes, crescem observando, aprendendo e, muitas vezes, participando das etapas mais simples desse processo, imerso em um território no qual trabalho, afeto e cultura se entrelaçam de forma indissociável.

Nesse contexto, a memória se apresenta como elemento central. O conceito adotado compreende a memória como uma construção temporal da consciência, sempre atravessada pela experiência. Giddens (2003) contribui com essa reflexão ao afirmar que a memória permite um domínio sobre a narrativa da própria trajetória, reorganizando cronologicamente eventos, experiências e sentidos. A partir da história oral, foi possível acessar essas memórias, compreendendo-as como dados que se constroem na interação por meio das perguntas, das provocações e nas respostas, sempre abertas às múltiplas interpretações (Thompson, 1992).

Cada narrativa presente neste trabalho carrega em si aspectos de uma experiência singular. Como afirma Halbwachs (2006, p. 69), “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”. Essa perspectiva ficou evidente durante as entrevistas, nas quais, ao compartilhar suas trajetórias, cada pessoa contribuía também para a construção da memória coletiva sobre a rede de dormir e sobre a própria cidade de São Bento/PB.

No campo da Ciência da Informação, a memória é reconhecida como um patrimônio essencial, capaz de preservar e dar continuidade aos conhecimentos, fazendo com que memória e informação caminhem lado a lado, como aponta Ribeiro (2017). Nessa mesma direção, Barros (2005) descreve a memória como a capacidade de evocar informações que foram adquiridas e guardadas ao longo do tempo. No contexto desta pesquisa, a memória se apresenta como um tecido vivo de recordações, formado pelas experiências, gestos e narrativas que acompanharam, geração após geração, o fazer artesanal das redes de dormir.

Oliveira (2005, p. 94) reforça que a história oral não apenas recupera aspectos individuais das trajetórias de vida, mas também ativa essa memória coletiva, uma vez que “à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado”. Assim, as histórias das redeiras não se esgotam na experiência pessoal, mas se entrelaçam com a história da comunidade, da cidade e de um modo de vida coletivo.

Nesta linha, Matos e Senna (2011, p. 96) contribuem ao afirmar que “a memória é a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção”. Assim, a cada relato, diferentes aspectos da memória são

acionados, reafirmados ou ressignificados, compondo uma tessitura complexa de lembranças e esquecimentos.

Os relatos revelam ainda que o aprendizado na produção da rede se dá, na maioria das vezes, pela observação. É recorrente escutar que se aprende vendo mães, avós, tias, pais ou vizinhos no exercício do fazer seja caseando, batendo trança, passando mamucaba ou tecendo no tear.

Um exemplo significativo desse processo de aprendizado ocorre no ambiente doméstico, em que o espaço da casa se transforma numa “fábrica familiar” passando a ser um local de cuidado e de transmissão de saberes. É comum encontrar em algumas casas uma tábua disposta sobre cavaletes na sala que servia de suporte para a estampa dos tecidos das redes, como a exemplo da casa de Dona Cleonice, uma de nossas interlocutoras. Esse ambiente, ao mesmo tempo doméstico e produtivo, representa a sobreposição dos mundos do trabalho, do cuidado, da família e da tradição.

Em conversa, Dona Cleonice compartilhou sua própria trajetória no aprendizado do ofício:

Lá em casa mãe batia trancelim, tia Severina passava mamucaba e eu fui aprendendo. Aí pai vinha buscar rede aqui na fábrica de Manel Lúcio, toda semana ele comprava rede. Levava o fardo, aprontava no sítio e trazia. Batiam trancelim, caseava com a agulha... aí fui aprendendo, aprendendo... Aí quando me formei e vim pra rua, aí pronto (Dona Cleonice).

Essa memória se conecta diretamente a experiências compartilhadas por outras mulheres da família. Gestos de compartilhamento entre familiares aparentemente simples, carregam um significado profundo, quando no mesmo espaço compartilhado, se estava não apenas produzindo uma rede, mas também tecendo processos de aprendizagem, de pertencimento e de construção identitária.

Félix (1998, p. 42) ajuda a compreender que “a identidade associa-se também aos espaços, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários”. A casa, nesse sentido, não é apenas um espaço físico, mas um território simbólico no qual as identidades são costuradas junto com as redes e com os saberes transmitidos de geração em geração.

Compreender essa trajetória dentro do universo do fazer da rede é acessar uma memória coletiva e, ao mesmo tempo, fortalecer os referenciais identitários que constituem

sujeitos nascidos e criados em São Bento/PB, filhos e netos de mulheres que, há gerações, tecem histórias, memórias e redes.

Uma outra interlocutora, a Dona Joscilene, foi uma das responsáveis por transmitir os conhecimentos do bordado a alguns de seus familiares, ensinando pacientemente quais pontos seguir no tecido, em quais "casas" deveria entrar e sair com a agulha para construir o desenho. Assim como ela, outras mulheres da família, como a mãe, outras tias e a avó, mantêm viva essa prática, compartilhando saberes de forma espontânea, afetiva e cotidiana.

Quando questionada sobre se gostava do que fazia, Dona Joscilene respondeu sem hesitar: "Vixe... é muito gratificante, porque eu concluí meus estudos, mas eu gosto demais de fazer o que faço, que é costurar rede. Isso é bom demais. Eu amo fazer isso. Não é à toa que já tô há vinte e quatro anos nessa mesma profissão" (Dona Joscilene).

Esses relatos e memórias revelam que a rede de dormir, mais do que um objeto comercial, é um elemento estruturante das relações de trabalho, das identidades familiares e do sentimento de pertencimento social em São Bento/PB. Historicamente, essa prática não se restringe ao espaço urbano; muitas famílias conciliavam a rotina da agricultura com a fabricação das redes, compondo um arranjo produtivo que garantia sobrevivência, resistência e continuidade de um modo de vida profundamente ancorado na coletividade.

Um exemplo marcante é o relato de Dona Neta, também uma interlocutora, que sempre era vista em São Bento/PB, sentada na calçada, sob a luz do poste, confeccionando varandas de rede. Nos relatou com naturalidade que "Na minha casa era assim... era mamucaba, era batendo trança, fazendo varanda... tudo a gente via. Era assim que a gente aprendia. Ninguém ensinava falando não, era vendo, ajudando, pegando nas coisas" (Dona Neta).

Assim como Neta, Joscilene e Cleonice, cada fala aqui posta carrega uma história que se entrelaça com a própria história de São Bento/PB. O que antes fazia parte de um cotidiano naturalizado hoje se revela como um patrimônio vivo, tecido nas tramas, nos pontos, nos nós e, sobretudo, nas memórias que sustentam a identidade cultural da cidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória, mais do que um simples processo individual, é um fio que costura histórias, experiências e relações, organizando e dando sentido à vida coletiva. Halbwachs (2006) concebe a memória coletiva como uma construção social que se ancora em grupos,

instituições e tradições, sendo constantemente renovada a cada encontro e interação. Nesse sentido, lembrar não é um ato solitário: é trazer à tona referências partilhadas, que reforçam laços e alimentam um sentimento profundo de pertencimento.

No campo da Ciência da Informação, a memória é tratada como patrimônio essencial, um recurso para preservar e fazer circular conhecimentos. González de Gómez (2003) observa que, ao lidar com fluxos de informação, a CI contribui para a construção e mediação de memórias sociais, favorecendo o reconhecimento e a valorização de saberes e práticas culturais. Barreto (2000) reforça que o registro e a organização da informação vão além da preservação de dados: garantem a permanência de narrativas que sustentam identidades coletivas.

Ferreira (2019) acrescenta que a mediação da informação é fundamental para transformar registros dispersos em patrimônios significativos, capazes de permitir que as comunidades se reconheçam em suas próprias histórias. No caso da produção artesanal de redes em São Bento/PB, a rede ultrapassa sua função utilitária, assumindo-se como documento cultural vivo, carregado de memórias, afetos e saberes que sustentam a identidade local.

Assim, compreender o fazer da rede de dormir sob a ótica da memória e da Ciência da informação implica reconhecê-lo como patrimônio informacional, cuja preservação demanda não apenas o registro material das técnicas, mas também a valorização das narrativas, das práticas e das relações que lhe conferem significado.

Este trabalho buscou compreender, a partir de um recorte de pesquisa realizada por meio da abordagem etnográfica e do uso da história oral, como as histórias de vida, os saberes e os fazeres relacionados à produção das redes de dormir em São Bento/PB constituem não apenas um ofício, mas também um importante marcador identitário, afetivo e cultural para as pessoas que vivem desse fazer.

O percurso metodológico, fundamentado na escuta sensível das narrativas, confirmou que a prática de confeccionar redes não se resume a uma atividade econômica. Trata-se, sobretudo, de uma tecnologia social que atravessa gerações, conecta famílias e sustenta os modos de vida profundamente enraizados na memória coletiva. A oralidade, os relatos e as memórias compartilhadas demonstram que a rede de dormir é um artefato que carrega, em suas tramas, não apenas fios, mas também histórias, afetos, identidades e resistências.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

O objetivo central — compreender como os saberes do fazer da rede se transmitem e se articulam na construção da identidade coletiva de São Bento — foi plenamente alcançado. A pesquisa revela que esses saberes são majoritariamente transmitidos no espaço doméstico, de forma intergeracional, onde o aprendizado ocorre pelo olhar atento, pela convivência e pela prática constante. Deste modo, a memória se apresenta como uma ferramenta viva, que não apenas ressignifica o passado, mas dá sentido ao presente e projeta o futuro dessa comunidade.

Entre os dados mais relevantes, destaca-se a inexistência de registros escritos, formais ou iconográficos que determinem com precisão a origem da produção de redes na cidade. Por outro lado, evidencia-se a força das narrativas orais, das lembranças familiares e da experiência compartilhada, que permitem reconstruir e manter viva essa história. As falas de interlocutoras como Dona Cleonice, Dona Neta e Dona Joscilene demonstram que o fazer da rede de dormir está profundamente relacionado a uma construção da identidade dos sujeitos e da coletividade são-bentense, assim chamados os que nascem em São Bento/PB.

Outro achado significativo foi perceber que, mesmo diante de processos de industrialização e dos avanços tecnológicos, os modos de fazer artesanais seguem vivos, resistindo nas práticas do tear, do bordado, da estampa e da montagem das varandas. Tais saberes não se restringem a técnicas produtivas, mas constituem práticas culturais, formas de transmissão de memória e de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Como possibilidade para investigações futuras, sugere-se o aprofundamento de estudos sobre os impactos das tecnologias contemporâneas e dos processos de industrialização na manutenção, transformação ou possível descaracterização desses saberes tradicionais. Também a possibilidade de investigar como as novas gerações — especialmente jovens que hoje vivem em São Bento/PB ou migraram — percebem, se relacionam e se (re)conectam com esses saberes. Além disso, aponta-se como necessária uma análise mais aprofundada das dinâmicas de gênero na cadeia produtiva das redes, compreendendo como mulheres e homens constroem suas práticas, seus papéis e suas formas de resistência nesse universo.

Por fim, este trabalho reafirma a importância de registrar, refletir e dar visibilidade a esses saberes como forma de valorização cultural e de reconhecimento das pessoas que, há gerações, tecem não apenas redes, mas também a própria história, a memória e a identidade da cidade de São Bento/PB.

REFERÊNCIAS

BARROS, Daniela Martí. A memória. **Comciência**, [Campinas], n. 52, p. 1-4, mar. 2005. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/memoria/15.shtml>. Acesso em: 10 agosto 2025.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **Produção do espaço e circuito de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional**. 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6944>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre; DE SÁ, Alcindo José. As multiterritorialidades dos centros produtores de redes de dormir da região nordeste brasileira e suas inserções nas redes urbanas nacional e internacional. **Revista de Geografia**, Recife, v. 24, n. 3, p. 224-238, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228729/0>. Acesso em 20 abr. 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861905/mod_resource/content/1/A%20Experi%C3%Aancia%20Etnogr%C3%A1fica_Antropologia%20e%20Leitura%20no%20S%C3%A9c.%20XX_Sobre%20a%20Autoridade%20Etnogr%C3%A1fica%20-%20James%20Clifford.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3264/Hist%20oral%20como%20fonte%20-%20problemas%20e%20m%20a%20todos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MEDEIRA, Juliana Miranda. São Bento produz 12 milhões de rede por ano e escoar produção com vendas online. **Portal 40 Graus**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.portal40graus.com/noticias/gerais/sucesso-a9986.html>. Acesso em: 25 mai. 2025.

NOVO, Arthur Leonardo Costa. **Famílias em transição**: uma etnografia sobre relacionalidade, gênero e identidade nas vidas trans. 2021. 415f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/47036>. Acesso em: 23 fev. 2021.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História Oral**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 91-106, 2005. DOI: 10.51880/ho.v8i1.118. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/118>. Acesso em: 27 fev. 2022.

PAIVA, Pietra Conceição Azevedo da Silva. **“As travas de jardim são unidas”**: etnografia da performance identitária das travestis em contextos rurais e interioranos do sertão potiguar. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/32822/1/Travasjardimunidas_Paiva_2020.pdf. Acesso em: 27 fev. 2022.

PINHEIRO, Diego Alano de Jesus Pereira. **“Minha vida por um fio”**: mobilização social e os itinerários das mulheres ribeirinhas vítimas de escarpelamento na Amazônia. 2021. 272 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/45695>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 54, n. 1, 2012. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2011.38598. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38598>. Acesso em: 10 nov. 2022.

RIBEIRO, Fernanda. Memória, informação e ciência da informação: relações e interdependências. In: OLIVEIRA, Elaine; RODRIGUES, Georgete (org.). **Memória: interfaces no campo da informação**. Brasília: UNB, 2017. p.111-142.

SILVA, Genival Soares da. **Raízes históricas do município de São Bento Paraíba**. João Pessoa: Imprell Editora, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.